

## Meio ambiente

# PERFIL DA OVINOCULTURA NA ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ALTO URUGUAI CATARINENSE

*Roseli Jacobi<sup>1</sup>*

*Sandra Márcia Tietz Marques<sup>2</sup>*

*Paulo Hentz<sup>3</sup>*

*Felipe Geraldo Pappen<sup>4</sup>*

*Cláudio Eduard Neves Semmelmann<sup>4</sup>*

O rebanho ovino brasileiro no ano de 2010 era composto por 17.380.581 cabeças, com aumento de 3,4% em relação a 2009, tendo sido o Mato Grosso o estado com maior aumento do número de cabeças (24,1%). Também apresentaram crescimento as regiões Sul (1,6%), Sudeste (2,6%), Norte (7,1%) e Nordeste (3,0%). O maior efetivo de ovinos está na região Nordeste, que detém 56,7% do rebanho nacional. A finalidade de criação nessa região está relacionada à produção de carne e leite, por meio da utilização de raças deslanadas. Por outro lado, a região Sul possui 28,1% do rebanho nacional, predominantemente composto por raças lanadas. O Rio Grande do Sul é o estado com maior importância na ovinocultura do Sul, contando com 3.979.258 cabeças, enquanto os rebanhos do Paraná e Santa Catarina possuem cerca de 613 e 293 mil cabeças, respectivamente (IBGE, 2010).

A produção de ovinos pode vir a ser uma excelente alternativa de renda às pequenas propriedades de Santa Catarina, já que está em plena expansão. Há uma estimativa internacional de crescimento de 2,1% da produção de carne ovina nos países em desenvolvimento até 2014 (IBGE, 2010). Além disso, a região Oeste tem sido cenário de discussões relacionadas à questão ambiental, decorrentes da produção de suínos de forma intensiva e em escala concentrada (PTDRS, 2010). Todos esses fatores abrem portas para outras atividades agropecuárias, como a ovinocultura, que deve ser estudada como alternativa de produção e agregação de renda às pequenas propriedades.

Para entender melhor o potencial regional, objetivou-se, por meio deste trabalho, traçar um perfil da ovinocultura na Associação dos Municípios do Alto Uruguai Catarinense (AMAUC).

A região da AMAUC é composta por 16 municípios, representando 3,48% de todo o território do estado de Santa Catarina, com uma população de 145.737 habitantes e área total de 3.311,4 km<sup>2</sup>, possuindo dados de cerca 30% de crescimento da ovinocultura entre os anos de 2008 e 2011 (Tabela 1).

1 Servidora Técnica-administrativa, Especialista, do Instituto Federal Catarinense (IFC) - Câmpus Concórdia.

2 Servidora Técnica-administrativa, Doutora, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

3 Professor, Mestre, do Instituto Federal Catarinense (IFC) - Câmpus Concórdia.

4 Professores, Doutores, do Instituto Federal Catarinense (IFC) - Câmpus Concórdia.

**Tabela 01:** Número total de propriedades e ovinos dos municípios pertencentes à Associação dos Municípios do Alto Uruguai Catarinense (AMAUC) no período de 2008 - 2011.

Municípios	2008		2011	
	Propriedades	Ovinos	Propriedades	Ovinos
Concórdia	226	3563	269	4334
Irani	93	2748	94	2632
Seara	NI*	NI*	75	1391
Ipumirim	39	683	50	1063
Lindóia do Sul	62	743	64	755
Arabutã	36	649	45	742
Xavantina	33	449	37	426
Ipira	21	270	25	338
Castelo Branco	18	160	21	271
Paial	08	171	09	213
Itá	20	166	25	209
Piratuba	13	208	16	184
Alto Bela Vista	08	105	13	176
Peritiba	10	106	08	92
Arvoredo	03	10	09	45
Total	590	9761	760	12871

\*NI - não informado

**Fonte:** CIDASC (2012)

A metodologia empregada no presente trabalho foi a pesquisa exploratória, por meio de um estudo de campo, aplicando-se um questionário a 33 produtores de ovinos pertencentes ao Conselho de Criadores do Alto Uruguai Catarinense.

Os produtores que responderam ao questionário possuem propriedades que vão de 0,5 a 150 hectares (ha). A média é de 24,5 ha por produtor, sendo que a maior parte delas, 64% (21/33), apresenta área de 0,5 a 20 ha. Este dado confirma que a região é constituída basicamente por pequenas propriedades, sendo inclusive o Módulo Rural dos cinco municípios tabelado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária em 15 ha (INCRA, 2011).

Ao compararmos os resultados de área com outras regiões do estado de Santa Catarina, como a Associação dos Municípios da Região Serrana e da Secretaria de Desenvolvimento Regional de São Joaquim e Lages, nota-se semelhança com as médias do tamanho das propriedades da agricultura familiar, que são de 20,3 e 19,2 ha, respectivamente. A média de todo o Estado de Santa Catarina é de 15,7 ha (XAVIER, 2011). A área média também se assemelha à região Nordeste do Brasil, considerada a maior produtora de ovinos deslanados, onde 77% das propriedades possuem média inferior de 20 ha (KILL; CORREIA, 2005).

O total das áreas corresponde a 741 ha. Destas, 35% (261,5 ha) são destinadas à ovinocultura, o que representa, em média, 8 ha por produtor. Além disso, 97% dos produtores destinam até 25 ha para produção dos ovinos.

Os entrevistados possuem um total de 2255 ovinos, o que representa 17,5% (2255/12871) de todos os ovinos criados na região. Destes, 67% (1510/2255) são matrizes para a reprodução. Este dado é semelhante ao que ocorre em países que são destaque na produção e exportação mundial de carne de cordeiro, como Nova Zelândia, que apresentava média de 68% do rebanho composto por fêmeas entre os anos de 2000 a 2008. Já na Austrália, outro país referência na atividade, a porcentagem de fêmeas no rebanho era de 54% no mesmo período (STATISTICS NEW ZEALAND, 2009). Ressalta-se que a principal composição racial do rebanho australiano é pela raça Merino e suas cruzas (84%), destinadas e especializadas na produção de lã fina (aptidão lanífera), situação em que os animais ficam mais tem-

po dentro dos rebanhos. As propriedades Australianas, em sua maioria, produzem carne ovina como um subproduto da lã, da qual a Austrália é o segundo maior produtor mundial (MEAT AND LIVESTOCK AUSTRALIA, 2009).

A proporção de fêmeas encontrada no presente estudo indica uma excelente oportunidade zootécnica para a produção de cordeiros na região, muito atrativa economicamente, por ser a carne de cordeiro a de maior valor agregado através das características de maciez e palatabilidade, bem como baixa deposição de gordura quando comparada à carne de ovinos adultos (SOBRINHO et al., 2005). Além disso, fica demonstrado ainda um bom nicho de mercado para a venda de reprodutores, ao levarmos em consideração a estimativa de utilização da proporção de 3% de carneiros no rebanho.

O valor médio da lotação deste estudo foi 11 animais/ha. Na região Serrana do estado, onde o sistema pastoril familiar é baseado em pastagens nativas e exploração extensiva, a lotação média do rebanho ovino é de 14,3 cab/ha no município de Lages e 17,3 cab/ha em São Joaquim (XAVIER, 2011). O valor de lotação mais alto encontrado no Alto Uruguai Catarinense foi 37 cab/ha e a mais baixa foi 1,25 cab/ha. Vale ressaltar que a maior lotação ocorre numa área muito pequena, de 0,3 ha, onde pastoreiam diariamente 11 animais; esta é uma situação impraticável em sistemas maiores, já que a lotação excessiva facilita o translado de larvas até o hospedeiro e facilmente resultará em problemas sérios de verminose (SOTOMAIOR et al., 2009).

No que diz respeito aos dados do rebanho no item relacionado às raças produzidas, 100% das raças são especializadas na produção de carne, sendo que 76% (25/33) dos produtores utilizam cruzamentos. Por outro lado, 18% (6/33) dos produtores possuem apenas a raça Texel no rebanho e 6% (2/33) somente a raça Ile de France. Quando se observam os cruzamentos da região, fica evidente que são entre raças lanadas (por exemplo Texel, Ile de France, Suffolk) em 48% (12/25) dos casos e destas com raças deslanadas (Santa Inês e Dorper) é de 52% (13/25). O uso das raças lanadas em todas as propriedades da região deve-se ao fato de que esta apresenta quatro estações bem definidas e o inverno bem característico, com temperaturas médias entre 10 e 15°C. Além disso, a região Oeste de Santa Catarina é considerada, de acordo com a classificação climática de Köppen-Geiger, como *Cfa*, que se caracteriza por clima temperado subtropical (C), úmido (F) e com verões quentes (A) (MIRANDA et al., 2006).

As raças deslanadas participam dos cruzamentos na região por meio do uso de carneiros puros. Por exemplo, houve introdução da raça Dorper no Alto Uruguai Catarinense no ano de 2009, por meio de um programa de melhoramento genético financiado pela Prefeitura Municipal de Concórdia, em convênio com o Conselho de Criadores de Cordeiros do Fundo Municipal de Desenvolvimento Agropecuário; com o repasse de aproximadamente 18 mil reais para aquisição de reprodutores pela secretaria da agricultura da prefeitura municipal de Concórdia. A opção desses novos recursos genéticos é resultado das novas tendências entre os ovinocultores do Brasil e também pode ser visto como exemplo da ausência de definição de objetivos dos cruzamentos nas diferentes regiões, que muitas vezes prejudica a uniformidade do produto final.

Em relação à raça Santa Inês, supõe-se que é utilizada nos cruzamentos devido a sua rusticidade, aptidão de produção de carne, e a não necessidade de tosquia e menor suscetibilidade à verminose quando comparada com outras raças (AMARANTE et al., 2004). A raça Dorper apresenta desenvolvimento bem definido, sendo um animal especializado para corte.

A opção pela escolha da raça Texel dá-se devido às suas características produtivas de tripla finalidade: prolificidade com excelente produção de carne em regime de pasto, velocidade do crescimento das crias, produção de lã entre 3,5 e 4 kg/animal e uma produção média de leite entre 155 e 207 litros por lactação (VAZ, 2007).

Deve-se ressaltar a necessidade de um planejamento da utilização das raças e/ou linhagens para obtenção e maximização de heterose (vigor híbrido) nas linhas maternas e paternas, semelhante aos princípios aplicados historicamente nas atividades da suinocultura e avicultura intensivas.

Quando perguntados sobre o sistema de criação, 73% (24/33) dos produtores responderam que utilizam o sistema semi-extensivo, ou seja, o rebanho é mantido em pastagem com suplementação no cocho, e 27% (9/33) produzem o rebanho de maneira extensiva, somente a pasto. Nos primórdios, os ovinos eram criados e manejados por pastores que trocavam os locais de pastejo dos animais quase que diariamente, dificultando a contaminação por parasitas, embora atualmente altas lotações por hectare tendam a aumentar a gravidade das parasitoses. Uma forma de prevenção desta alta contaminação é fornecimento no cocho de feno, silagem ou concentrados livres de larvas dos parasitos (SOTOMAIOR et al., 2009). Outro ponto a ser salientado é que no universo de 33 entrevista-

dos nenhum optou pela criação em sistemas intensivos, totalmente dependentes de suplementação, caracterizando mais uma diferença entre ovinocultura e suinocultura regionais.

Em torno de 97% (32/33) dos produtores fazem suplementação mineral. As pastagens de campos nativos e/ou forrageiras tropicais não contém os minerais necessários em sua composição para suprir as necessidades dos ovinos, sendo preciso a suplementação no cocho de macro e micronutrientes. A alta proporção de produtores preocupados com esse item é muito importante, já que animais adequadamente nutridos apresentam condições orgânicas e um sistema imunológico fortalecido para reagir às infecções, enquanto animais em baixo estado nutricional ficam mais suscetíveis à verminose e outras enfermidades (BUENO et al., 2008).

Como considerações finais mais importantes, pode-se concluir que a ovinocultura ocupa áreas de significativo destaque dentro das propriedades dos cinco municípios estudados e que o cruzamento industrial entre raças especializadas em produção de carne é o que mais ocorre na região.

## Referências

AMARANTE, A.F.T.; BRICARELLO, P.A.; ROCHA, R.A. et al. Resistance of Santa Ines, Suffolk and Ile de France lambs to naturally acquired gastrointestinal nematode infections. **Veterinary Parasitology**, v. 120, p.91-106, 2004.

BUENO, M.S.; VERÍSSIMO, C.J.; DA CUNHA, E.A.; DOS SANTOS, L.E.O Controle da verminose em sistema intensivo de produção de ovinos para abate. In: VERÍSSIMO, C.J. (Coord.). **Alternativas de controle da verminose em pequenos ruminantes**. Nova Odessa: Instituto de Zootecnia, 2008. p.35-50.

CIDASC. COMPANHIA INTEGRADA DE DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Sistema Integrado Gerenciamento. Cadastro das espécies: censo ovino e numero de Propriedade: período 2008 e 2011. Florianópolis, [2012].

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Produção da pecuária municipal. Rio de Janeiro. v.38. p.1-65, 2010. Disponível em: [www.ibge.gov/home/estatistica/economia/.../2010/ppm2010.pdf](http://www.ibge.gov/home/estatistica/economia/.../2010/ppm2010.pdf). Acesso em: jul. 2012.

INCRA. INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. Módulo de Exploração Indefinida - Consulta por Município/UF, 2011. Disponível em: [www.incra.gov.br/index.php/estrutura-fundiaria/regularizacao-fundiaria/modulo-de-exploracao-indefinida-mei/file/123modulo-de-exploracao](http://www.incra.gov.br/index.php/estrutura-fundiaria/regularizacao-fundiaria/modulo-de-exploracao-indefinida-mei/file/123modulo-de-exploracao). Acesso em: jun. 2012.

KILL, L.H.P.; CORREIA, R.C. A região Semi-Árida brasileira. In: **Espécies vegetais exóticas com potencialidades para o Semi-Árido brasileiro**. KILL, L.H.P.; MENEZES, E.A. (Orgs.). Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. p.17-35.

MIRANDA, M.; LAJÚS, C.A.; FLARESSO, J. A. et al. **Forrageiras avaliadas em Santa Catarina, 2006 – 2007**. Florianópolis, 2006. p. 84–97. 2006. (Boletim Técnico/EPAGRI, 128).

**MEAT AND LIVESTOCK AUSTRÁLIA**. Disponível em : <[www.mla.com.au](http://www.mla.com.au)>. Acesso em: jun. 2009.

PTDRS. PLANO TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL TERRITÓRIO DO ALTO URUGUAI CATARINENSE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. 2010. 67p. Disponível em: [sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs-qua-territorio009.pdf](http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs-qua-territorio009.pdf). Acesso em: jun. 2012.

SOBRINHO, A.G.S.; PURCHAS, R.W.; KADIM, I.T.; YAMAMOTO, S.M; Características de qualidade da carne de ovinos de diferentes genótipos e idades ao abate. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v.34, n.3, p.1070-1078, 2005.

SOTOMAIOR, C.S.; MORAES, F.R.; SOUZA, F.P.; MILCZEWSKI, V.; PASQUALIN, C.A. **Parasitoses gastrintestinais dos ovinos e caprinos: alternativas de controle**. Curitiba: Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural, 2009. 36p. (Informação Técnica/Emater, 080).

STATISTICS NEW ZEALAND. **Agricultural census tables**. Disponível em: <[www.stats.govt.nz](http://www.stats.govt.nz)>. Acesso em: Jul. 2009.

VAZ, C.M.S.L (Ed.). **Ovinos: o produtor pergunta, a Embrapa responde**. Brasília: Embrapa, 2007. 158 p. (Informação Tecnológica/Embrapa, Coleção 500 perguntas, 500 respostas).

XAVIER, H. R. W. **Diagnóstico agrosilvipastoril dos municípios pertencentes à associação dos municípios da região Serrana**. Epagri – Gerência Regional de Lages. 2011. 8p.

